

Contribuição do Grupo Focal à pesquisa e ao processo de design da informação: percepção dos usuários sobre artefatos impressos de DST/Aids

Focus Group contribution to research and design information process: user perception about STD/AIDS printed artefacts

Ranielder Fábio de Freitas, Universidade Federal de Pernambuco.
ranielderfabio@hotmail.com

Hans da Nóbrega Waechter, Universidade Federal de Pernambuco.
hnwaechter@terra.com.br

Solange Galvão Coutinho, Universidade Federal de Pernambuco.
solangecoutinho@globo.com

Fabiane do Amaral Gubert, Universidade Federal do Ceará.
fabianegubert@hotmail.com

Fabiele do Amaral Beck, Universidade Federal de Santa Catarina.
beckfabiele@gmail.com

Resumo

O Grupo Focal consiste em uma técnica de coleta de dados que pode ser aplicada no processo de design, incluindo pesquisas na área, e tem o intuito de desvelar informações importantes sobre a relação de determinado artefato ou elementos que o compõe, junto a um grupo de sujeitos. O presente artigo tem como objetivo descrever a adaptação da técnica do Grupo Focal, no processo de design da informação, e apresentar os benefícios da utilização desta para a pesquisa, no contexto dos materiais impressos para prevenção das DSTs/Aids. O uso do Grupo Focal permitiu a aproximação com os sujeitos envolvidos, revelando a percepção destes em relação à compreensão de elementos verbo-visuais presentes em artefatos impressos na área da saúde, o que contribui diretamente para o processo de design da informação.

Palavras-chave: Design da Informação; Processo de Design; Grupo Focal

Abstract

Focus Group is a technique that may be used in the process of design or design research, to elicit important information concerning the effects that a particular artefact or elements that compose that artefact have on people. The present article aims to describe the adaptation the focus group technique in the process of information design, as well as the benefits brought by this technique to design research, in context of STD/AIDS printed artefacts The use and adaptation of the focus group technique in research, has provided a wealth of perceptions by those subjects involved in understanding the verbal-visual elements present in the artefacts of

STD/Aids.

Keywords: *Information Design; Design Process; Focus Group*

1. Contextualizando a técnica do Grupo Focal no Processo de Design

A pesquisa em design da informação busca compreender a dialética entre o conteúdo dos sistemas informacionais, em seus aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos; e a interpretação gerada pelos sujeitos, nesse processo. O resultado dessa compreensão possibilita a criação de subsídios teóricos para o desenvolvimento da prática e teoria do design da informação, visando ao aumento da eficácia e eficiência da compreensibilidade dos artefatos informacionais (COUTINHO, 2006).

Nesta perspectiva, o designer da informação deve projetar considerando as causas subjacentes à problemática em questão, não se limitando apenas ao lançamento de novos artefatos, mas incluindo novos tipos de processos, métodos, técnicas, interação e colaboração (BROWN, 2010, p. 7).

Em concordância, Bürdek (2006) comenta que a teoria e a metodologia do design são reflexos objetivos, tendo seus esforços destinados a otimizar métodos, regras e critérios. Assim, sua utilização dá suporte para a pesquisa, avaliação, validação e otimização no design, em seu processo ou suas etapas.

Desta forma, a adoção e a adaptação de técnicas interdisciplinares, guiadas, neste caso, pelo designer da informação, buscam a elucidação de informações importantes para a composição de artefatos dotados de conteúdo de fácil compreensão e clara associação entre os signos que o compõe, na visão do público receptor da informação.

Dentre as possíveis técnicas utilizadas no processo de design, destaca-se o Grupo Focal - GF. O GF consiste em uma discussão semiestruturada, que tem como objetivo coletar informações relevantes oriundas de um grupo de pessoas acerca de determinado assunto específico. O teor dessas informações pode estar relacionado a sentimentos, valores e ideias dos participantes envolvidos (BERKOWITZ, 2012). Além de ser usado para planejamento e definição de objetivos, o GF pode ser utilizado para avaliação de resultados.

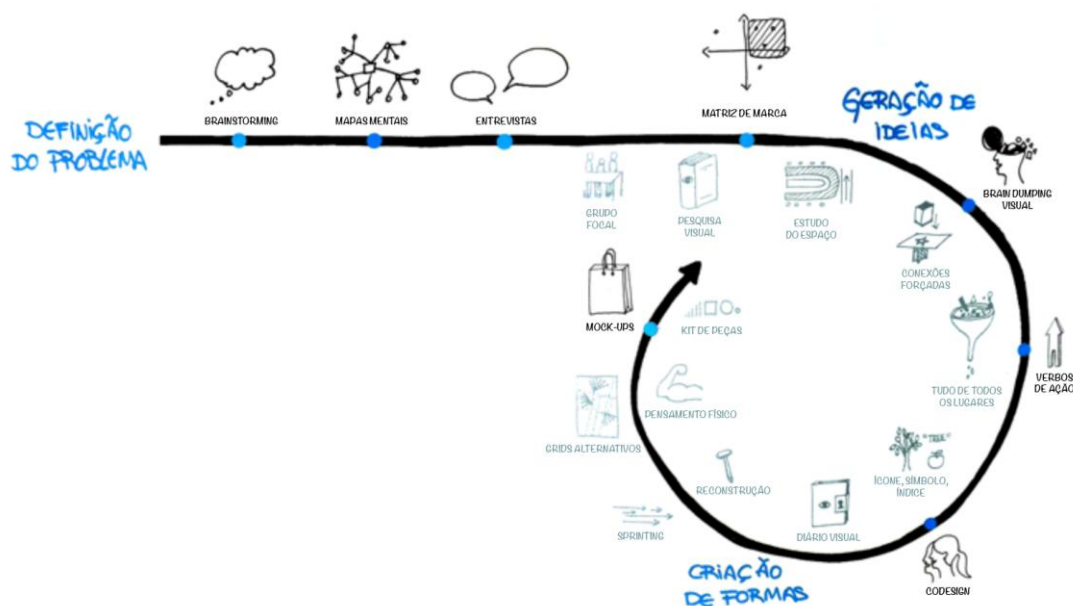


Figura 1: Grupo Focal inserido no processo de design
Fonte: Lupton, 2013

Neste contexto, o designer pode se utilizar desta estratégia para colaborar na avaliação das necessidades e/ou os sentimentos dos usuários em relação a determinado assunto de forma eficiente, e em seguida, abstrair as informações relevantes para aplicação em projetos de design. Diante do exposto, surgem as seguintes questões: Como o designer da informação pode adaptar essa técnica ao processo de design? Que contribuições o uso do Grupo Focal pode trazer à pesquisa em design da informação? Cabe ressaltar que estes questionamentos serão desvelados à luz do estudo de Freitas (2013).

Frente às considerações, o presente artigo tem como objetivo: (a) descrever a adaptação da técnica do Grupo Focal ao processo de design da informação; e, (b) apresentar os benefícios da utilização do Grupo Focal na pesquisa de design da informação, tendo como pano de fundo a temática design da informação, no contexto da prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids – DSTs/AIDS.

2. Aplicando a técnica do Grupo Focal

A técnica do GF é associada a um tipo de entrevista, onde o pesquisador é guiado por um instrumento temático, no qual cria uma situação de ‘bate-papo informal’ com um determinado grupo de pessoas. A técnica pode ser realizada com cerca de seis a quinze participantes, por encontro. O número de participantes depende do referencial teórico utilizado, podendo apresentar variações. Busca-se oferecer um ambiente neutro, propício ao momento, onde os entrevistados sejam dispostos em forma circular e sintam-se à vontade para expor suas opiniões. O principal interesse no uso dessa técnica é descobrir ou aprofundar opiniões e não somente saber se as pessoas concordam ou não com determinado assunto.

Dall’Agnol & Trench (1999) destacam que o Grupo Focal pode ser adequado a qualquer contexto, desde que se respeite o que lhe é essencial: procurar desvendar o fazer das pessoas.

Sendo assim, seu uso é mais frequente em estudos de natureza qualitativa, em que o pesquisador busca por resultados até então desconhecidos ou conhecidos de forma insipiente.

Com o uso do GF, não se deve esperar a obtenção de um consenso, nem é esse seu objetivo, tampouco de tomar decisões. O pesquisador deve posicionar-se como um facilitador, cujo papel é guiar a conversa, garantindo que todas as opiniões sejam ouvidas e manter o grupo focado no tópico. Desta forma, o pesquisador deverá conduzir o grupo com cautela e interpretá-lo com um certo grau de ceticismo (BERKOWITZ, 2012).

A utilidade da aplicação da técnica de GF para pesquisa em design da informação, neste estudo, surgiu da perspectiva que, no Brasil, no que tange à saúde, algumas situações são singulares para as pessoas, citando, por exemplo, o enfrentamento às doenças, em destaque as DSTs/Aids. No contexto das DSTs, as políticas de saúde atuais focam o processo de prevenção como primordial por meio de tecnologias de Informação, Educação e Comunicação - IEC. Estas estratégias educativas têm como premissas a distribuição de artefatos impressos com a população, sendo reconhecidos como instrumentos atuantes na socialização de informações de saúde para a população, visando à adoção de comportamentos saudáveis.

Desta forma, entendendo as informações verbo-visuais como inerentes ao conteúdo desses artefatos IEC, indagou-se sobre a eficiência e eficácia do uso da Linguagem Gráfica¹ na configuração destes, no olhar dos receptores da informação.

Para ilustrar a técnica do Grupo Focal, apresenta-se o estudo de Freitas (2013), o qual buscou descrever os aspectos relevantes na utilização da Linguagem Gráfica em impressos de prevenção às DSTs/Aids e a relação do uso desses elementos no olhar dos receptores da informação. Para tal, o autor baseou-se no referencial de Dall’Agnol & Trench (1999) e Waechter (2008) para formular o percurso metodológico utilizado para aplicação da técnica prevista no processo de design, o qual é apresentado na figura a seguir, e descrito ao longo deste artigo:

¹Neste caso, refere-se à Linguagem Gráfica em seus modos de simbolização: Linguagem Gráfica Pictórica (LGP), representada por figuras, desenhos, fotos, etc.; Linguagem Gráfica Verbal/Numérica (LGV), que engloba palavras e símbolos alfanuméricos, assim como suas variáveis de configuração; e, Linguagem Gráfica Esquemática (LGE), que se relaciona com elementos não verbais ou não pictóricos, geralmente usada em conjunto com as outras duas (linhas, boxes, esquemas, etc.) (Silva & Coutinho, 2010).

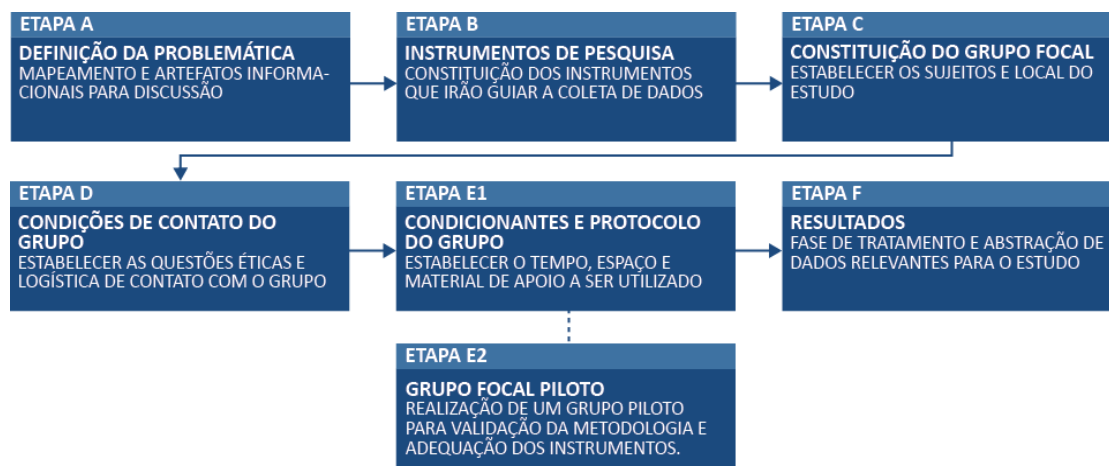


Figura 2: Esquema do percurso metodológico do Grupo Focal
Fonte: Elaborado por Freitas (2013), com base em Dall’Agnol & Trench (1999) e Waechter (2008)

2.1. Definição da Problemática – Etapa A

Esta etapa foi dedicada ao mapeamento dos artefatos impressos que seriam discutidos sob a temática de prevenção às DSTs/Aids. Variáveis como: data de publicação, local de veiculação, órgão responsável pela criação, orientação de conteúdo e formato do artefato; foram utilizadas para classificação e delimitação de materiais, norteando o designer diante da problemática apresentada. Estas variáveis também serviram de subsídio para a definição dos temas a serem discutidos durante a aplicação do Grupo Focal conduzido por Freitas (2013).

2.2. Definição da amostra de estudo e instrumentos de Pesquisa e para o Grupo Focal – Etapa B e C

As definições da amostra devem estar ligadas às características inerentes aos sujeitos envolvidos na problemática do estudo, isto terá variações à medida que o pesquisador tenha necessidade de aprofundar-se sobre determinado nicho populacional. Em relação à composição do grupo ou aos integrantes, estabelece-se que os critérios para a seleção dos sujeitos são determinados pelo objetivo do estudo e, por isso mesmo, a amostra é intencional.

Para ilustrar a afirmação, tendo como exemplo a problemática da AIDS, supõe-se que a taxa de mortalidade desta doença, em mulheres na faixa etária de 18 a 24 anos, vem crescendo nos últimos 10 anos, no Brasil. Desta forma, o pesquisador tem interesse em saber a visão do público feminino em relação aos artefatos impressos destinados a este público. Assim, é necessário definir critérios de inclusão dos sujeitos que irão participar do estudo, que, neste caso, será o sexo (feminino) e a faixa etária (18 a 24 anos). Esses critérios poderiam ser ainda mais específicos caso a problemática assim os requeressem, tal como a escolaridade, raça, etc. Definir o perfil dos participantes é essencial para alcançar profundidade dos dados.

Esse momento ainda é importante para adaptação de ferramentas que guiarão as discussões durante os encontros. Para tal, Freitas (2013) utilizou-se de um instrumento validado nos pressupostos de Rozemberg (2012), o qual possui como categorias de análise: conteúdo;

formato e apresentação; ilustração; linguagem utilizada; apelo à ação e identidade cultural, questões éticas e contextualização da produção do impresso.

Para disparar os questionamentos sobre os materiais impressos selecionados na etapa, durante a sessão do Grupo Focal, Freitas (2013) definiu dezoito materiais que ficaram dispostos em uma mesa, onde os participantes do Grupo Focal puderam escolher aleatoriamente dois materiais, que agradassem suas preferências estético/informacionais. Definidos os instrumentos e a amostra do estudo e, após elencados os materiais selecionados para constituir o Grupo Focal, elaboraram-se os seguintes questionamentos a serem perguntados pelo facilitador do Grupo Focal, durante a sessão:

- a. Considerando o material que você selecionou, quais motivos o levaram a esta escolha?
- b. As informações contidas no material, ajudaram-lhe a obter novos conhecimentos ou esclarecer dúvidas acerca da temática?
- c. Faltou algum elemento que você acha essencial?
- d. A partir das informações observadas, você adotaria novas atitudes e comportamentos de prevenção às DSTs/Aids no seu dia a dia?
- e. Em algum momento, você se sentiu agredido com o conteúdo do material?
- f. Você acha que a informação apresentada no material está adequada ao formato utilizado? O conteúdo seria mais bem representado em outro formato?
- g. Sob os aspectos estéticos (cor, tipo de fonte, efeitos, etc.), o que você achou do layout/arte?
- h. A utilização e a distribuição dos elementos (textos e imagens) no material facilitam/dificultam seu entendimento?
- i. Acerca da legibilidade (tipo de fonte, espaçamentos entre palavras/linhas, cor, qualidade das imagens, texturas de fundo, etc.), favorecem sua leitura?
- j) Acerca da linguagem utilizada, você se sentiu em diálogo com o informativo? O material usa a linguagem/estilo do seu dia a dia em textos e imagens?

Pontua-se que as questões oriundas dos questionamentos serviram para subsidiar as sessões de Grupos Focais subsequentes, as quais serão mais bem detalhadas na etapa E1 a seguir, sendo que, ao total, foram conduzidas seis sessões. No estudo de Freitas (2013), algumas falas dos participantes foram utilizadas na íntegra nos resultados do estudo para subsidiar abstrações e devidas relações com o referencial do design da informação.

Outro instrumento utilizado foram as anotações geradas pela participação de um pesquisador-observador, o qual registrou possíveis momentos que poderiam fugir da percepção do pesquisador principal, porém sem nenhum tipo de interação com os demais. Assim, recomenda-se que dois pesquisadores participem do Grupo Focal para registrar todas as situações e percepções do grupo.

2.3. Procedimentos éticos para início da técnica do Grupo Focal – Etapa D

Possivelmente, esta pode ser considerada a etapa de maior complexidade na técnica do Grupo Focal para a pesquisa em design, visto que elenca a necessidade de aprofundamento nas questões éticas da pesquisa envolvendo seres-humanos, a qual compreende as etapas de cadastramento do estudo na Plataforma Brasil, ligada ao Conselho Nacional de Ética em Pesquisa - CEP, com anuência da universidade proponente, ou seja, àquela onde a pesquisa está vinculada, seguindo os princípios éticos da Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

Dentre os procedimentos inclusos como condicionantes da realização da pesquisa, está o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Neste documento, constarão todas as informações necessárias para que o sujeito participante da pesquisa esteja ciente dos riscos e benefícios envolvidos, da garantia de seu anonimato e da permissão para gravação, em vídeo, do encontro.

Após aprovado o estudo pelo CEP, o pesquisador deverá utilizar-se das mais diversas técnicas para convocar/convencer voluntários a participarem dos Grupos Focais. Não há exatamente uma regra a ser seguida para esta etapa, mas o pesquisador deve deixar claro o que trata a pesquisa, a duração dos encontros e os possíveis benefícios que o momento irá oportunizar aos participantes, assim como a possibilidade da desistência do participante, a qualquer momento, sem que seja gerado nenhum ônus.

Diante do exposto, Freitas (2013) utilizou-se de argumentos como uma atividade educacional sob o tema de Prevenção às DSTs/Aids, organizadas pelo Projeto Aids da Universidade Federal do Ceará - UFC, local onde o estudo foi aplicado, gerando um certificado para o participante. Como técnicas de divulgação, o autor usou e-mail enviado pela mala-direta do Conselho Acadêmico da Universidade, cartazes e outras estratégias de abordagem, como o de bola de neve, onde cada participante que confirmasse a participação poderia convidar outro, obedecendo aos critérios de inclusão do estudo. Para tal, foram divulgados local, horário e detalhes para que os interessados (máximo de trinta pessoas) fizessem suas inscrições.

As inscrições foram realizadas por meio eletrônico, no sistema de gerenciamento de dados do Google Docs {docs.google.com}, com link de acesso {http://tinyurl.com/o5zkoyq}, e ficaram abertas até que se atingisse o número pretendido.

2.4. Condicionantes e Protocolo do Grupo – Etapa E1

Para operacionalizar as sessões de GF, Dall’Agnol & Trench (1999) definem alguns critérios. Quanto à quantidade de sessões, preconizam-se ao menos dois encontros para cada variável considerada como pertinente para o tema tratado. Neste caso, utilizou-se a variável ‘intencionalidade’ e ‘efeito’ do processo comunicacional. No estudo de Freitas (2013), somente a variável ‘efeito’ dizia respeito a questões voltadas à percepção do usuário. Com isso, foram realizados dois encontros para contemplá-la em três grupos distintos: feminino (11), masculino (5) e misto (8), totalizando 24 participantes e seis encontros. Esta divisão por sexo proporcionou

peculiaridades em cada encontro, pois se pôde observar diferentes interações e aprofundamentos nas discussões.

Para a duração das sessões grupais julga-se que cada sessão deve ter entre uma hora e meia a duas horas, a quantidade de participantes considerada ideal oscila entre o mínimo de seis e o máximo de quinze. No entanto, a dimensão de um grupo depende dos objetivos e finalidades estabelecidas, portanto a quantidade poderá variar a depender das circunstâncias e objetivos do estudo. Por isso, deve-se ter um percentual de vinte por cento de participantes a mais, para eventuais substituições em ausências inesperadas (DALL'AGNOL & TRENCH, 1999, p. 19).

Um ambiente que garanta privacidade, conforto e que facilite o debate é o ideal. Deverá ser um ambiente neutro (não de trabalho), com fácil acesso, com cadeiras em disposição circular e adequado ao contexto.

Os instrumentos presentes na Etapa B serviram como guia para as discussões nos encontros, sendo o conteúdo programático de uma das sessões ilustrado na Figura 3.

Sessão 1 (Duração 1h40min.)

Assunto: Conteúdo e Questões éticas.

- Boas vindas (5 min.);
- Apresentação dos Pesquisadores e informações acerca dos objetivos e finalidades da Pesquisa e da Técnica de Pesquisa (10 min.);
- Contextualização sobre a temática (10 min.);
- Esclarecimento sobre a dinâmica do grupo focal entre regras, permissão para gravar e fotografar (sem identificá-los), interrupções, etc. (5 min.);
- Perguntas norteadoras e breve discussão sobre a temática: O que você entendeu sobre o conteúdo do material selecionado? (50 min.):
 - Neste momento foram socializados 03 cópias de cada um dos 18 impressos coletados, os quais ficaram expostos no centro do grupo. A idéia era que todos os receptores tivessem a chance de ler e manusear os materiais, escolhendo até dois daqueles que mais se identificassem. Foram dados 20 minutos para que preenchessem o questionário impresso (Apêndice do Estudo) que, após respondido, foi colocado em um envelope pelo participante e entregue ao pesquisador, para garantir seu anonimato. De forma a possibilitar o agrupamento das respostas deste encontro com o seguinte, cada receptor tinha uma senha, que foi posta no cabeçalho do instrumento nos dois momentos. Após isso, foi dado início a discussão oral. Durante a sessão foram questionados o problema em foco (assunto trazido no material), orientados pelas perguntas previstas no questionário (Apêndice do Estudo);
- Síntese das idéias (10 min.);
- Encerramento e agradecimentos;
- Agendamento do próximo encontro.

Figura 3: Conteúdo Programático de uma sessão de Grupo Focal
Fonte: Elaborado por Freitas (2013), com base em Dall'Agnol & Trench (1999)

2.5. Grupo Focal Piloto – Etapa E2

Foi realizado um Grupo Focal piloto para averiguação do instrumento utilizado (questionário) com uma amostra similar ao estudo original. Nesse momento, sentiu-se a necessidade da adaptação da forma oral de intervenção para a forma também escrita, focando os participantes que poderiam não se sentir à vontade na discussão oral, deixando-os tranquilos para preenchimento, no local, de forma discreta e tranquila, diminuindo a ansiedade diante do grupo.

Desta forma, a necessidade apontada no estudo com o Grupo Piloto serviu para adição positiva de um instrumento anteriormente não previsto na pesquisa, que foi utilizado para o levantamento das características étnicas, socioculturais, econômicas, de escolaridade, de orientação sexual, dentre outras, de cada participante (Fig. 4).

Questionário individual e anônimo

Referência do impresso:		Idade:		Sexo:	<input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino
Curso:		Estado Civil:	<input type="checkbox"/> Solteiro(a) <input type="checkbox"/> Casado(a) <input type="checkbox"/> Em um relacionamento		
Renda familiar mensal:	<input type="checkbox"/> 1 salário <input type="checkbox"/> 2-3 salários <input type="checkbox"/> 4-5 salários <input type="checkbox"/> Acima de 5 salários				
Como você se considera?	<input type="checkbox"/> Negro <input type="checkbox"/> Branco <input type="checkbox"/> Moreno/Pardo	Quantos anos de estudo você tem?			
Naturalidade:		A quanto tempo mora em Fortaleza?			
Qual sua orientação sexual?	<input type="checkbox"/> Heterossexual <input type="checkbox"/> Homossexual <input type="checkbox"/> Bissexual <input type="checkbox"/> Prefiro não responder				

CONTEÚDO E QUESTÕES ÉTICAS

1- Considerando o material que você escolheu, quais os motivos que o levou a esta escolha. Você pode marcar mais de uma opção.

- Gostei do conteúdo informativo Gostei do visual do material
 Gostei do formato do material Gostei de outra coisa (Descreva)

2- As informações contidas no material, lhe ajudaram a obter novos conhecimentos ou esclarecer dúvidas acerca da temática? Marque somente uma opção.

- Entendi todo o conteúdo Achei as informações confusas (Descreva o motivo)
 Entendi tudo e me sinto capaz de multiplicar esse conhecimento

Figura 4: Questionário individual e anônimo

Fonte: Elaborado por Freitas (2013), adaptado de Rozemberg (2012)

Este momento oportunizou ao pesquisador a identificação de possíveis falhas/vieses oriundos do instrumento aplicado, assim como a verificação da eficiência na relação pesquisador-sujeito do estudo. Isto possibilitou o ajuste e a validação dos métodos e instrumentos utilizados posteriormente, nos Grupos Focais.

No estudo de Freitas (2013), além da necessidade da criação de um instrumento impresso para os participantes, o Grupo Focal Piloto permitiu identificar o momento ideal para aplicação do instrumento. Sendo assim, segundo os participantes, a aplicação do questionário deveria ser realizada antes do diálogo com o grupo, pois os próprios apontaram que se sentiriam influenciados com as respostas dos outros, alterando, desta maneira, o conhecimento prévio de cada um, gerando um desvio na pesquisa, além da possível fadiga física/mental pós-discussão, que poderia causar “desconforto” entre eles no preenchimento do questionário.

Esse posicionamento foi importante para direcionamento do estudo, caso contrário, poderiam gerar obliquidades. Considere-se que um sujeito **A** não tenha concebido de forma clara, em seu repertório mental de signos, informações suficientes para ele relacionar a utilização correta do preservativo feminino. Porém, sua resposta é condicionada no Grupo por um sujeito **B**, que tem essa concepção. Coletar uma informação sugestionada e entendê-la como muito eficiente para o sujeito **A**, quando na verdade ela não é, o que pode acarretar a repetição do mesmo erro em

futuros artefatos informacionais, assim como em outras situações. Estes elementos são essenciais para pesquisa em design na medida em que permite evitar possíveis vieses e resultados errôneos, na pesquisa.

3. Conclusões

O pesquisador deverá ter a sensibilidade de identificar o momento em que as respostas dos participantes começam a saturar em seus significados, ou seja, quando não há mais ineditismo nas percepções/falas dos participantes relacionado ao tema. Assim, embora o pesquisador não tenha a percepção do ineditismo, é possível que ele seja encontrado após análise posterior dos instrumentos utilizados no apoio, como as anotações do pesquisador-observador ou nos vídeos gravados.

No estudo de Freitas (2013), o conteúdo gerado pelos encontros foi revisado e categorizado para facilitar a abstração das informações relevantes para discussão sob a ótica do design da informação. A seguir, apresentam-se alguns resultados das discussões da relação entre os elementos da Linguagem Gráfica e os princípios que permeiam o design da informação, evidenciando a abstração dos resultados e suas contribuições para o designer.

Em relação aos motivos que levaram os participantes a preferirem mais um determinado material que a outro, estes, em sua maioria, preferiram os impressos que primavam pelo conteúdo informacional e estético, trazendo o formato do impresso como um atributo importante, mas não decisivo nas escolhas, como demonstra o gráfico a seguir:

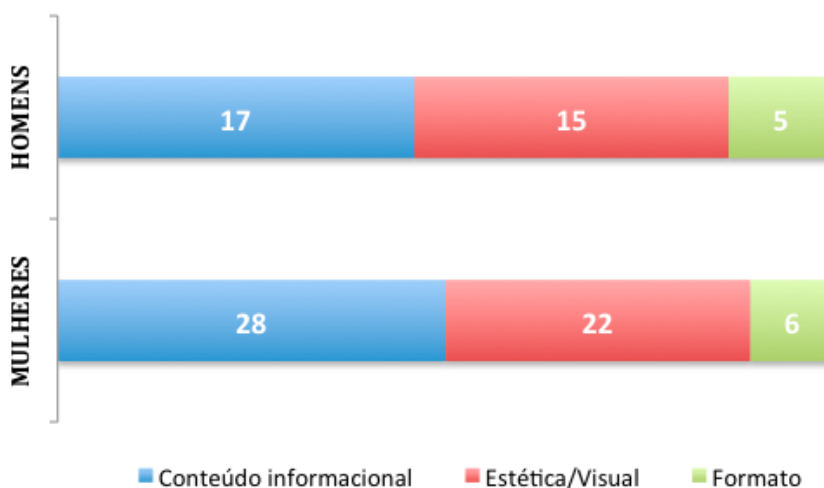


Gráfico 1: Aspectos mais relevantes para a escolha dos impresso entre

O conteúdo referia-se à qualidade informacional e eficácia do impresso **ambos os sexos** em passar determinada mensagem, assim como as informações complementares que ele trazia. Embora o quesito 'formato' tenha ficado em último, alguns receptores levantaram a questão de que não havia um parâmetro para saber se estas escolhas teriam sido diferentes se houvesse a opção de materiais mais ousados.

As mulheres foram unânimes quando comentaram que se o impresso contém algo factível ao cotidiano ou algum caso que reflita a vida real, elas sentem-se mais inclinadas e sensibilizadas a ler e absorver o conteúdo: “Achei esse interessante porque ele fala muito de preconceito, que é normal, no dia a dia. Normalmente, a gente acha que as pessoas que tem DST e Aids são as pessoas que aparentemente levam uma vida mais desregrada... mas que, na verdade, todos podem ter [...]”.

Um dos pontos evidenciados pelas participantes do sexo feminino, por exemplo, foram sobre os aspectos estéticos dos artefatos, as quais comentaram: “De forma geral, o folder está bonito, mas o texto é pequeno e denso, com essas texturas e cor no fundo que atrapalha minha leitura.” – com sentimento de frustração, a participante tenta fazer uma relação entre a má configuração dos aspectos extrínsecos dos elementos do artefato e a legibilidade do conteúdo (Fig. 5).

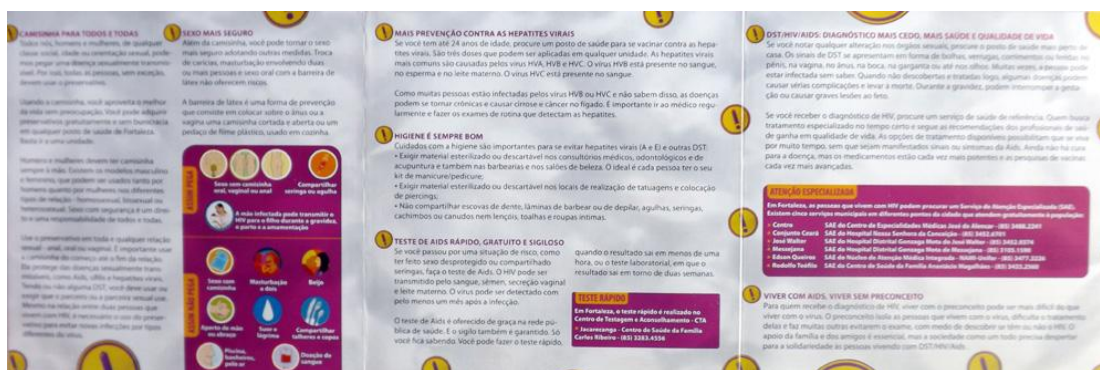


Figura 5: Artefato utilizado nos Grupos Focais
Fonte: Coordenação Municipal de DST/Aids - Fortaleza

Em outra situação, um participante questionou com sentimento de ‘confusão’ o motivo pelo qual ‘não se pega’ o vírus da Aids por doação de sangue, sendo um ícone de uma bolsa de sangue agrupado com um texto na coluna de ‘Assim não pega’, no artefato discutido (Fig. 6), quando ele achava que isso era possível.



Figura 6: Detalhe de artefato utilizado nos Grupos Focais
Fonte: Coordenação Nacional de DST/Aids – Brasil

Neste momento, após o término do tópico, é função do pesquisador intervir e utilizar-se do conhecimento da temática tratada para prestar esclarecimentos sobre a dúvida gerada. Além disso, considerar a questão semântica dos elementos para discussão nos resultados, sob o prisma do design da informação. É comum os participantes posicionarem sua opinião baseados em suas experiências e crenças, dessa forma, o pesquisador deve ter a sensibilidade de não contradizer o ponto de vista do sujeito, mantendo sua posição imparcial de facilitador, não de crítico.

As imagens utilizadas nos artefatos do estudo têm uma representatividade figurativa de alguma coisa, levando consigo características icônicas daquilo que é representado (TWYMAN, 1985). Assim, tais características têm a utilidade de fazer com que o receptor da informação decodifique a imagem em um nível que lhe seja satisfatório, ou seja, de maneira clara e concisa.

Resgata-se, com isso, a afirmação de Goldsmith (1984), onde a dimensão da coesão de uma imagem é essencial para a sua interpretação. Ou seja, qualquer área de uma imagem pode ser vista como tendo uma identidade particular, mesmo que essa identidade não seja compreensível por quem observa. Assim, pode-se dizer que, por meio da coesão visual, os participantes dos Grupos foram capazes de identificar e diferenciar elementos da realidade contidos nos artefatos, com algumas exceções.

A ilustração a seguir mostrou-se com pouca eficiência sintática, que, por consequência, acarretava deficiência semântica na tentativa de representar a forma de como proceder corretamente para a prática do sexo oral seguro. Seus pictogramas apresentaram baixa pregnância cognitiva e baixa compreensibilidade em seus elementos e atributos. Na imagem da esquerda, há uma tentativa de representar dois cortes em um preservativo por meio de pequenos ícones de tesouras e linhas pontilhadas indicando onde o corte deve ser feito. Na segunda imagem, tem-se a representação da sobreposição do artefato resultante do primeiro passo sobre o órgão sexual feminino para a prática do sexo oral. E mesmo com um texto complementar, todas as participantes do sexo feminino relataram não ser possível o entendimento 100% eficiente da prática, surgindo algumas dúvidas, sanadas posteriormente por um profissional da área da saúde.



Figura 7: Detalhe de artefato utilizado nos Grupos Focais
Fonte: Coordenação Nacional de DST/Aids - Brasil

Em relação aos participantes do sexo masculino, tiveram preferência por conteúdos mais tecnicistas e que traziam informações mais objetivas e de rápida associação: “Gostei pela objetividade do material e pela figura feminina, que parece representar várias mulheres”.

A relação entre as Sequências Pictóricas de Procedimento – SPPs socializadas para a prática do uso do preservativo masculino, para os participantes homens, não incitou nenhum tipo de dubiedade, pois, segundo eles, embora a qualidade das imagens não fosse “das melhores”, já se tinha uma ideia prévia do uso.

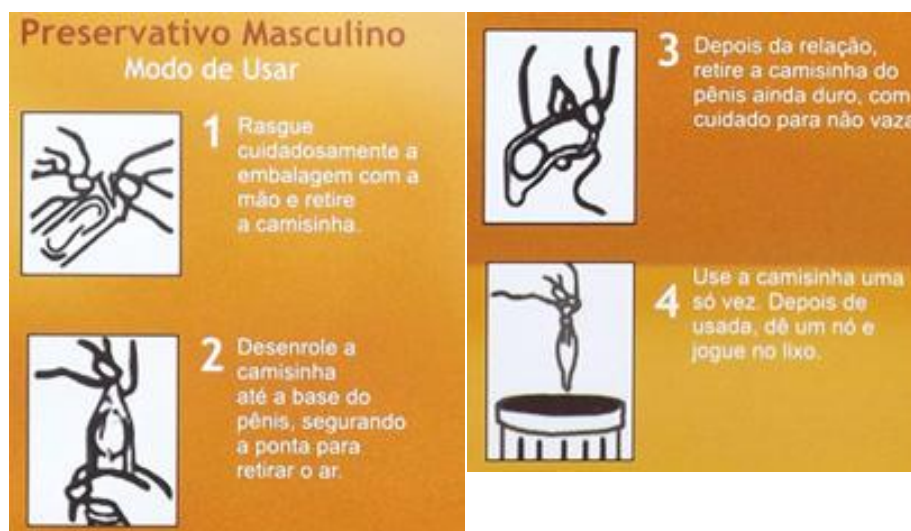


Figura 8: Sequência Pictórica de Procedimento para uso do preservativo masculino
Fonte: Coordenação Nacional de DST/Aids – Brasil

Já a relação entre as SPPs para uso do preservativo feminino e as mulheres participantes, não seguiu a mesma percepção dos homens (Fig. 9). Acerca do passo 1, a SPP busca representar o momento da retirada do preservativo e o seu posicionamento para execução do passo 2 e, assim sucessivamente, até o descarte do material após o uso. Aqui, deve haver o cuidado relatado por Spinillo (2000), onde é imprescindível a correta estruturação da representação cognitiva/visual da ação que deverá ser executada por meio das imagens. Entendendo, neste caso, como um procedimento que, se executado de forma errada, pode trazer danos permanentes à saúde. E embora na visão dos pesquisadores, em primeiro momento, a SPP estivesse representada dentro da estruturação entendida como adequada, nenhuma mulher participante do Grupo se sentiu capacitada em executar a ação com o auxílio da SPP, alegando insegurança. Esse ponto necessitaria de um aprofundamento e uma possível inserção textual de um novo passo ou até mesmo da readequação dos já existentes.

Em relação à utilização da Linguagem Gráfica nos materiais coletados, notou-se uma presença equilibrada (não confundir com configuração equilibrada) de elementos que caracterizavam os três modos preconizados por Twyman (2002, 1979), sendo a Linguagem Gráfica Pictórica (LGP), Verbal/Numérica (LGV) e Esquemática (LGE) geralmente utilizada em conjunto nas composições visuais. Destaca-se que não é intenção deste estudo categorizar os métodos de configuração ou modos de simbolização propostos pelo referido autor, limitando-se apenas em descrever a eficácia comunicacional dos elementos da Linguagem Gráfica identificados.

Ramificando esta afirmação, a LGP mantinha um destaque na maioria dos materiais, utilizando-se da representação de informações por meio de fotos, símbolos e desenhos manipulados por softwares gráficos. Essa relação teve efeito em ambos os sexos, porém com maior intensidade no público feminino, onde foram priorizados os informativos bem ilustrados e que trouxessem indícios factíveis com casos reais.

Embora a LGP fosse o modo de linguagem que causasse um impacto relevante no primeiro contato dos impressos com os receptores, todos consideraram também a questão organizacional das informações, tal como o conteúdo em si, sendo esta caracterizada pela LGV.

Desta forma, a manipulação dos atributos sintáticos das informações verbo-visuais estava diretamente atrelada à empatia e facilidade de compreensão do conteúdo pelos receptores, ou seja, sua semântica, corroborando com os resultados de Waechter (2008).

4. Considerações Finais

O uso e a adaptação da técnica do Grupo Focal para pesquisa, em design da informação, possibilitaram uma rica visão da percepção dos sujeitos envolvidos em relação à compreensão dos elementos verbo-visuais presentes nos artefatos utilizadas no estudo. Ressalta-se que a mesma técnica pode ser adaptada em qualquer metodologia do design, seja design da informação, gráfico ou produto.

A presença de instrumentos direcionados permitiu a categorização de pontos importantes a serem observados durante a realização dos Grupos, além de facilitarem a organização das respostas e a associação de informações no momento da discussão dos resultados da pesquisa. As carências identificadas nos conteúdos dos materiais aqui retratados possibilitaram novos direcionamentos da pesquisa já em desenvolvimento, tal como um aprofundamento na raiz metodológica da produção de materiais educativos para saúde, visando ao aumento da eficiência dos artefatos durante o projeto, como também novos conhecimentos científicos do tema com a aproximação ao design da informação.

Em contrapartida, essa técnica pode apresentar algumas desvantagens, caso não seja aplicada em um contexto bem planejado e conduzido, considerando suas limitações. Uma delas seria a dificuldade em se obterem resultados ‘generalizados’, ou seja, informações que representem determinada população, pois cada sujeito participante ou grupo social possui crenças, valores e repertório verbo-visual próprio, o que não necessariamente reflete na opinião de outras pessoas.

Enfim, espera-se que a demonstração da aplicação da técnica do GF no processo de design, em conjunto a outros instrumentos, possibilite aos pesquisadores a inserção de ferramentas interdisciplinares para solidificação do design na teoria e prática.

Referências

- BRASIL. Conselho Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. *Diretrizes e normas reguladoras de pesquisa envolvendo seres humanos*. 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 12 mar 2015.
- BERKOWITZ, B. *The Community Tool Box. Conducting Focus Groups*. 2012. Disponível em: <http://ctb.ku.edu/en/table-of-contents/assessment/assessing-community-needs-and-resources/conduct-focus-groups/main>. Acesso em: 12 de jan. de 2012.
- BROWN, T. *Uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Design Thinking*. São Paulo: Campus. 2010.
- BÜRDEK, B. E. *História, teoria e prática do design de produtos*. São Paulo: Edgard Blücher. 2006.
- COUTINHO, S. G. *Design da informação para educação*. Revista Brasileira de Design da Informação, v.3 -1/2, p. 49-60, 2006.
- DALL'AGNOL, C. M.; TRENCH, M. H. *Grupos Focais como estratégia metodológica em pesquisas na enfermagem*. R. *Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre, v.20, n.1, p.5-25, jan., 1999.
- FREITAS, R. F. *Prevenção às DST/Aids e a recepção das mensagens em meios impressos*. 2013. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal de Pernambuco, Curso de Pós-Graduação em Design.
- GOLDSMITH, E. *Research into Illustration: An Approach and a Review*. Cambridge University Press, 1984.
- LUPTON, E. *Intuição, Ação, Criação. Graphic Design Thinking*. São Paulo: Gustavo Gili Ltda, 2013.
- ROZEMBERG, B. *Roteiro para análise de material impresso de educação/comunicação em saúde*. Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fiocruz, RJ, 2012.
- SILVA, J. F. L.; COUTINHO, S. G. Esquemas gráficos para informar: a Linguagem Gráfica Esquemática na produção e utilização de livros didáticos infantis na cidade de Recife. Anais do 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, São Paulo, 2010.
- SPINILLO, C. *An analytical approach to procedural pictorial sequences*. The University of Reading, London, 2000.
- TWYMAN, M. Using pictorial language: a discussion of the dimensions of the problem. In: T. M. Duffy and R. Waller (Eds.) *Designing usable texts*. Orlando, Florida: Academic Press, p. 245-312, 1985.
- WAECHTER, H.N. *Um modelo experimental para a observação da recepção de mensagens em meios impressos*. Rio de Janeiro: Puc-Rio, Triades, out., 2008.

Sobre os Autores

Ranielder Fábio de Freitas

É graduado em Design pela Faculdades Nordeste – Fanor; doutorando em Design da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Integrante do Grupo de Pesquisa de Design da Informação (CNPq), Bolsista da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)*.
ranielderfabio@hotmail.com.



Hans da Nóbrega Waechter

É graduado em Comunicação Visual pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Mestre e Doutor em Comunicação Audiovisual pela Universidade Autônoma de Barcelona- UAB – Espanha; docente e coordenador do bacharelado em Design da UFPE; docente do Programa de Pós-Graduação em design da UFPE e pesquisador do Grupo de Design da Informação (CNPq).
hnwaechter@terra.com.br

Solange Galvão Coutinho

É graduada em Comunicação Visual pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE, Doutora em Typography & Graphic Communication - University of Reading; docente do curso de Design e do Programa de Pós-Graduação em Design da UFPE; pesquisadora do *Centre de Recherche Images, Cultures et Cognitions (CRICC)*, Paris - *Pantheon Sorbonne* e líder do Grupo de Pesquisa em Design da Informação (CNPq).
solange.coutinho@ufpe.br

Fabiane Do Amaral Gubert

É graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA; Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará - UFC; docente do Curso de Graduação e Pós-Graduação em Enfermagem da UFC e do Mestrado Acadêmico em Saúde da Família – RENASF/FIOCRUZ-UFC.
fabianegubert@hotmail.com

Fabiele do Amaral Beck

É graduanda do bacharelado em Design da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, diretora da Empresa Júnior de Design da UFSC.
beckfabiele@gmail.com